

Aspectos da trajetória de Fernando Ferrari: origem social e percurso escolar

MAURA BOMBARDELLI*

Fernando Ferrari foi um importante representante do trabalhismo no Período Democrático de 1945 a 64. Pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), exerceu o mandato de deputado estadual constituinte na legislatura de 1947 a 1951 no Rio Grande do Sul. Tornou-se deputado federal na legislatura seguinte, reelegendo-se em 1954. Nas eleições legislativas federais de 1958, recebeu a maior votação de um candidato a deputado em todo o país, com cerca de 160 mil votos.

No decurso de sua atuação política, Ferrari buscou associar-se ao grupo dos “doutrinários” do PTB que tinha em Alberto Pasqualini seu principal representante. Em 1960, após comandar uma cisão no PTB, que deu origem a um novo partido, o Movimento Trabalhista Renovador (MTR), disputou a eleição para a vice-presidência, fazendo oposição a sua antiga agremiação, representada na candidatura de João Goulart. O afastamento por parte dos líderes do partido das linhas ideológicas trabalhismo foi a principal justificativa apontada por Ferrari para fundar o MTR. Em 1962, já pelo novo partido, concorreu ao executivo estadual do Rio Grande do Sul. Foi autor de livros como “Minha Campanha” (1961), em que relata a campanha para a vice-presidência da República de 1960 e “Escravos da Terra” (1963) em que aborda o trabalho do político para garantir o amparo ao trabalhador rural, uma de suas principais bandeiras de atuação parlamentar. Dentre seus legados está o Estatuto do Trabalhador Rural, aprovado em 1963.

A proposta deste trabalho consiste abordar o estudo de trajetórias como ferramenta conceitual para a pesquisa sobre a cisão do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e formação do Movimento Trabalhista Renovador (MTR) ocorrida na passagem para os anos 1960 e protagonizada pelo político Fernando Ferrari. Tal apropriação implica em tratar da “história de vida” do fundador do MTR não apenas como uma fonte de dados, mas como um elemento para a compreensão do processo de cisão do PTB, observando de que forma se deu a construção da imagem do agente político e a utilização dessa imagem como um instrumento de legitimação para a cisão. As fontes utilizadas são essencialmente o material de caráter

*Graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestranda em história na mesma instituição. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

memorialístico e do arquivo pessoal do político, além da produção textual de Ferrari. O estudo levou em consideração os primeiros anos da vida de Ferrari, estendendo-se até 1947, ano em que se elegeu para seu primeiro cargo político, deputado estadual pelo Rio Grande do Sul.¹

Estudo de trajetórias

São as histórias da vida do político, biográficas e autobiográficas, matérias primas para a elaboração de trajetórias, que devem ser utilizadas com maior cautela. Pierre Bourdieu (1996) reflete sobre a utilização desse tipo de produção. “A ilusão biográfica”, caracterizada pelo sociólogo, consiste numa noção do senso comum, que tende a tratar as histórias de vida pela ótica do etapismo, considerando as atitudes dos personagens como coerente e ajustadas ao longo de um trajeto. Tal trajeto teria uma “intenção subjetiva” desde o início da vida. Um começo já visando a um fim (*telos*) específico da sua história. Para Bourdieu, trata-se de uma “criação artificial de sentido”, a qual desconsidera o contexto social/temporal em que está inserida a história. Os biógrafos, por sua vez, tendem a aceitar e se apropriar do “sentido” da história de vida que lhe é contada na construção de suas narrativas.

Apesar disso, Bourdieu não desconsidera a utilização desse tipo de fonte. Atenta, contudo, para a necessidade dos pesquisadores darem um novo trato a elas, inserindo a referida “lógica de construção” dessas histórias como objeto de análise. O que levaria à elaboração da noção de *trajetória*. Analisar uma trajetória, na acepção do autor é “observar uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo um grupo),

¹ A respeito da associação de Ferrari ao grupo dos doutrinários e de sua vinculação com Pasqualini é importante atentarmos para o que aponta Lucilia Delgado. Fundamentando-se na teoria de Giovanni Sartori, Delgado (2001: 167-203), assinala que o PTB apresentou, ao longo de sua existência, três tendências principais: uma primeira, chamada de *getulista pragmática*, constituída de burocratas vinculados à estrutura do Estado e com força no partido até o suicídio de Getúlio Vargas; uma segunda, denominada *doutrinária trabalhista*, composta de intelectuais orgânicos do petebismo, inscreveu-se em uma orientação trabalhista socializante e propugnava uma maior desvinculação do partido em relação ao Estado; e uma terceira tendência, com força no partido a partir da segunda metade dos anos de 1950, os *pragmáticos reformistas*, procuraram amalgamar em sua prática político-partidária características dos getulistas pragmáticos e da tendência doutrinária. A atuação política de Fernando Ferrari, apontado pela autora como integrante da tendência doutrinária trabalhista, destacou-se no contexto da predominância dos pragmáticos reformistas no PTB, grupo em que se enquadravam, por exemplo João Goulart e Leonel Brizola. Nossa hipótese de trabalho é a de que, no contexto da cisão com o PTB, Ferrari buscou maximizar a oposição entre doutrinários e pragmáticos para justificar a criação de um novo partido trabalhista.

em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes” (BOURDIEU, 1996: 189). Dessa forma, o autor conclui ser indispensável à compreensão de uma trajetória a observação os estados sucessivos do campo onde ela se desenvolveu, o conjunto de relações que vincularam o agente e também os outros agentes envolvidos no mesmo campo.

Pensando na construção e uso de biografias, Luiz Alberto Grijó (2008) atenta também para o fato de que sua apropriação como fonte em pesquisas acadêmico/científicas, deve ser feita de forma cuidadosa, levando em consideração as questões inerentes à esse tipo de produção, observando também a lógica de construção caracterizada por e presente nesse tipo de produção. É o que, partido dos pressupostos apontados por Bourdieu (2006) o autor caracteriza como lógica do *arché-telos*, termos gregos que correspondem, respectivamente a “começo/origem” e “fim/objetivo/realização”.

Com relação ao elemento metodológico para a utilização dessas fontes, Grijó aponta que o conhecimento das condições envolve a produção de biografias e assemelhados torna-se fundamental na pesquisa. Da mesma forma, não podemos tomar esse tipo de texto como essência do trabalho, pois é no cruzamento desses dados com outras de fontes que os trabalhos adquirem sentido.

Um bom exemplo dessa utilização é análise que Mário Grynszpan (1990) faz da trajetória de Tenório Cavalcanti. Tendo entre suas fontes as diferentes construções da imagem desse personagem emblemático da política fluminense em trabalhos de cunho memorialístico, o autor as traz à baila, como auxiliares para o desenvolvimento de sua pesquisa, buscando compreender a forma pela qual se constrói a biografia do agente político e suas adaptações. As nuances da biografia de Cavalcanti teriam sido utilizadas pelo próprio político e adaptadas a diferentes conjunturas. De maneira mais ampla, a trajetória de Tenório serviu como um elemento para a compreensão das relações clientelares no Brasil republicano. Como afirma Grynszpan (p. 74-75):

“O exame de trajetórias individuais nos permite avaliar estratégias e ações de atores em diferentes situações e posições sociais, seus movimentos, seus recursos, as formas como os utilizam ou procuram maximizá-los, suas redes de relações, como se estruturam, como as acionam, nelas se locomovem ou abandonam.

Centrando nossa atenção em atores estamos, ao mesmo tempo, refletindo sobre padrões e mecanismos sociais mais amplos.”

Assim, na acepção de Grinzpan, as trajetórias não possuem um sentido em si. Sua relevância reside no novo sentido que é atribuído a elas, qual seja, o de utilizar a observação de estratégias e ações individuais, para a elucidação de problemáticas mais amplas, ligadas ao contexto em que esses agentes estão inseridos.

Tal qual Grinzpan, Grijó (1998), para citarmos mais um exemplo, também utilizou a trajetória em sua dissertação de mestrado. Mais especificamente, tratam-se de trajetórias coletivas dos políticos gaúchos da chamada Geração de 1907. Elas não são tomadas isoladamente. É na interconexão e muitas vezes a comparação delas, a exemplo dos percursos escolares, que estariam os elementos auxiliares à compreensão da história política do Rio Grande do Sul na chamada Primeira República.

Dentro das possibilidades que têm se apresentado para a composição da trajetória de Fernando Ferrari, estamos procurando contemplar os aspectos de contextualização propostos por Bourdieu. Não analisamos a trajetória de um grupo, como o era a Geração de 1907, mas de um agente político que tem particular importância no desenvolvimento do estudo acerca da cisão do PTB e formação do MTR. No entanto, esse trabalho contemplará também uma contextualização dos espaços ocupados por Ferrari no jogo político e sua relação com outros agentes envolvidos nele. No intuito de introduzir essa análise relacional, lançamos mão de algumas características biográficas de outros agentes políticos do PTB, sobretudo de João Goulart, antagonista de Ferrari nas eleições de 1960.²

Origem social e percurso escolar de Fernando Ferrari

Antes de voltar-se às questões e querelas da política, o estudante de economia Fernando Ferrari, então com 22 anos e recém-chegado a Porto Alegre, publicou seu primeiro e único

² Sobre João Goulart, utilizamos essencialmente a recente biografia escrita pelo historiador Jorge Ferreira (2011). Consideramos que essa biografia, fruto de rigorosa pesquisa histórica, consiste numa fonte que difere do padrão descrito por Pierre Bourdieu. Para ela damos uma abordagem diferente, utilizando-a não só como fonte de dados, mas levando em consideração também, quando julgarmos conveniente, a análise histórica desenvolvida pelo autor.

romance, feito “de moço para moço” (FERRARI, 1943: 11). “Mas... os Sinos não dobraram” é o título do livro de 192 páginas editado no ano de 1943, em Santa Maria, cidade onde residia antes de se mudar para a capital do Rio Grande do Sul.

O romance narra a história de um homem nascido em um idílico pequeno povoado de imigrantes alemães, italianos e de outras etnias. Naquele local as pessoas viviam do trabalho, sobretudo no campo, e da fé católica. O personagem principal da história havia sido criado de acordo com os preceitos cristãos, o que se revelava na índole de um garoto bondoso, estudioso, sabia perdoar e sofria quando pecava. Ainda na adolescência seus pais o enviam para um internato católico onde, apesar da saudade da família e da falta de liberdade, sentia que estava rumando para um caminho melhor, através do aprofundamento dos estudos e da fé religiosa que lhe permitiria as realizações de seus ideais. Com sua dedicação, foi ganhando respeito e admiração, sendo nomeado para assumir um cargo de responsabilidade numa das associações religiosas do colégio.

Formou-se e, aos 18 anos, o foi cursar direito na capital do Estado. É a partir daquele momento que o personagem começa a se desvirtuar. As más influências vão aos poucos lhe demovendo da fé cristã. Ele então passa a beber, fumar, praticar jogos de azar, se entregar aos desejos sexuais e deixar de lado os estudos. Mesmo assim consegue se tornar advogado. O jovem passa a tratar com desprezo as pessoas simples do interior, não frequenta mais a missa e renega os pais. Passados alguns anos, após seus pais falecerem de desgosto devido às atitudes do único filho, o personagem voltou a residir na comunidade em que havia nascido, casou, mas permaneceu insensível, com vícios e sem religião. Seu primeiro filho nasceu fraco, mas consegue sobreviver. O motivo era a sífilis trazida à família pelas relações sexuais pecaminosas do protagonista. O segundo filho nasce sem braços nem pernas, e morre nas primeiras horas, devido também à sífilis que acaba matando sua esposa em seguida. A história trágica termina com a morte do personagem principal, definhando pelos vícios e pelas culpa por tudo de mal que causara a seus familiares.

Se na parte inicial a história, até a mudança para a capital, poderia ser confundida com a do próprio autor, e de muitos outros jovens que estudavam em instituições católicas, o final dela é, indubitavelmente, o que o jovem Ferrari não desejava ser. Não foram exageradas as referências à religiosidade reproduzidas para sintetizar a história. O livro, repleto de citações a

teólogos e autores clássicos – indo de Santo Agostinho a Vítor Hugo – escrito em tom moralizante, é uma espécie de manual prevenção aos perigos de abandonar a fé católica. Não podemos negar a ambição intelectual do estudante em publicar um livro tão jovem e, definitivamente, não devemos considerar casual a fama de religioso, atribuída na juventude ao seu autor.³

Tal como o personagem principal do seu livro, Ferrari nasceu em uma pequena comunidade do interior, colonizada por imigrantes. O atual município de São Pedro do Sul, à época do nascimento de Ferrari, ocorrido em 14 de julho de 1921, era um distrito de Santa Maria, localizada na região central do Estado. Filho de Tito Lívio Ferrari, de origem italiana, e de Maria Margarida Toller Ferrari, de origem austríaca, Fernando era o terceiro de uma família de doze irmãos (BARBOSA, 2013: 23). Tito Lívio era um representante da segunda geração dos Ferrari na localidade, e – apesar de seus pais serem agricultores – já não se dedicava ao diretamente ao trabalho rural, mas sim ao comércio. Tito Lívio atuou também como “pequeno bancário”, emprestando dinheiro aos agricultores, no período em que a crise econômica de 1929 atingiu os agricultores da região. Há indicativos da participação da segunda geração dos Ferrari na política quando, nas eleições de 1930 os irmãos Henrique e Tito Ferrari, este último, pai de Fernando Ferrari, foram eleitos para o conselho municipal.⁴

O menino Fernando iniciou seus estudos no Colégio Elementar de São Pedro. Aos 12 anos, deixou sua terra natal e, tal como seu personagem, foi encaminhado para um internato coordenado pelos irmãos maristas, em Santa Maria. No Ginásio Santa Maria, também marista, completou o ginásio e formou-se contador (correspondente ao atual técnico em contabilidade) em 1941, sendo o orador da turma. Nessa cidade, ainda serviu como soldado e estudou teologia na Associação Religiosa do Culto da Virgem Maria.⁵ No começo de 1942, aos 20 anos, Ferrari se mudou para Porto Alegre onde cursou Ciências Políticas e Econômicas na faculdade instalada no Colégio Rosário. Tal faculdade originou, posteriormente, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Se a referência de origem de Ferrari era o de uma pequena comunidade de trabalhadores rurais, semelhante àquela caracterizada idilicamente em seu livro, ou seja, a

³ A fama de religioso na juventude é apontada na biografia escrita por Wagner e Pereira (1985, p. 16).

⁴ As informações sobre o pai de Tito Lívio foram extraídas da monografia de conclusão de curso elaborada por Marcelo Ferrari Barbosa (2011: 19-22).

⁵ Não foram encontradas informações acerca das circunstâncias em que Fernando Ferrari serviu como soldado.

região colonial do Rio Grande do Sul, é ao mundo da estância que voltamos nossos olhos quando nos remetemos a João Goulart. A família Goulart residia em São Borja, cidade da região da fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina, já havia cinco gerações na localidade quando João Goulart, filho do fazendeiro Vicente nasceu, em 1919. Boa parte de seus primeiros anos de vida foram divididos entre os estudos primários na cidade e a fazenda da família, onde Jango aprendeu e desenvolveu o gosto pelas atividades do campo (FERREIRA, 2011: 32).

Apesar das diferenças de origem social dos personagens, tanto Jango quanto Ferrari compartilharam uma experiência comum. O estudo em internato religioso, destino habitual aos filhos dos representantes da elite naquela época. Se Ferrari parecia mais adaptado à rotina do colégio interno – como procura mostrar em seu livro quando caracteriza a vida no internato como os “Benditos muros que prendem, mas ensinam” (FERRARI, 1943: 49), e como pode ser inferido pelo fato de ele ter sido o orador da turma no ginásio e pelos relatos do seu bom desempenho escolar – com Jango, como procura demonstrar Ferreira, a história foi um pouco diferente.

Aos 9 anos Jango foi para um internato, também marista, o Ginásio Santana em Uruguaiana. No entanto, o temperamento extrovertido já demonstrado pelo garoto na infância, não combinava com o rigor da rotina daquele espaço, sendo comuns, por exemplo as expulsões da sala por mau comportamento. Um ano antes de completar o ginásio, foi reprovado e a direção sugeriu seu afastamento por influenciar negativamente os colegas. Após ser castigado pelo pai com uma temporada no Colégio Anchieta em Porto Alegre, acabou pedindo ao pai para retornar ao internato de Uruguaiana, onde completou o ginásio (FERREIRA, 2011: 34-35).

Mesmo sem manifestar grande interesse pelos estudos, Goulart daria continuidade a eles bacharelando-se em direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas de Porto Alegre, curso pelo qual havia passado boa parte da elite política daquele tempo. Mas não data da época da faculdade o interesse de Goulart pela política. Tampouco a própria matéria jurídica interessava Jango, que àquela época começava a participar da administração dos negócios juntamente com o pai. Passada sua formatura, em 1939, o jovem bacharel, então com 21 anos, se dedicaria integralmente à administração das fazendas. Como demonstra Ferreira (2011, p.

45), nos anos seguintes, ele multiplicou a fortuna da família, sobretudo através da compra e venda de gado.

Enquanto isso, Ferrari dava prosseguimento ao curso de economia e publicava seu romance. Diferentemente de seus futuros companheiros de partido, Alberto Pasqualini, João Goulart e Leonel Brizola, que eram formados na faculdade pública que originou a atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (os dois primeiros em direito e o último em engenharia), Ferrari frequentou um curso menos tradicional em uma faculdade também menos tradicional. O que poderia se justificar pela carreira escolhida não se confirma na medida em que havia um curso similar de economia na faculdade pública de Porto Alegre. Não foi possível identificar se tratou de uma opção, ou da possibilidade que se apresentava naquele momento a Ferrari, o fato de ele ter optado por estudar economia em uma instituição religiosa.

O que podemos depreender, pela observação de sua produção textual, discursos, artigos e livros é que o elemento religioso se apresenta como aspecto importante na compreensão de sua trajetória. Não encontramos evidências da manifestação do desejo de seguir o sacerdócio por Ferrari. Sua atuação se aproxima à do novo status dado ao fiel leigo pela Igreja Católica desde o início do século XX. Conforme aponta Marcelo Timóteo da Costa (2007, p. 437-438) em texto sobre a Ação Católica Brasileira, é no início dos anos 1900 que Roma passa a incentivar os movimentos leigos. No pontificado de Pio XI, iniciado em 1922 é que se forma a Ação Católica, para organizar e fortificar a participação dos leigos na igreja. Eles seriam assim, auxiliares, comandados pelo clero, a difundir os valores do cristianismo, diante, sobretudo, da ameaça representada pelo avanço do comunismo. Antes, segundo Costa, os leigos tinha um papel muito mais restrito, cabendo-lhe o papel de “ouvir” a doutrina, frequentando a missa e colaborar com de caridade.

A Ação Católica foi criada no Brasil em 1935, época em que Ferrari interno no colégio Marista. Inicialmente, o movimento se desenvolveu de forma bastante hierarquizada, sendo acompanhada de perto pelos bispos locais e seus representantes. Mas é na passagem para os anos 1950, período posterior aos escritos católicos de Ferrari, que a Ação Católica Brasileira sofre uma importante reestruturação que resulta no surgimento de grupos segmentados, de acordo com os meios de atuação. São criadas então a JEC (Juventude Estudantil Católica), JUC (Juventude Universitária Católica), JAC (Juventude Agrária

Católica) e JOC (Juventude Operária Católica) e JIC (Juventude Independente Católica). A especialização responderia a novas influências do movimento, que o tornaram menos hierárquico e valorizaram a capacidade observação, julgamento e ação dos cristãos diante da realidade social que se apresentava.⁶ Também seu modelo de organização era mais descentralizado que o anterior. (COSTA, 2007: 438-441).

O período em que Ferrari foi estudante de economia corresponde à primeira fase da Ação Católica Brasileira. Não há indícios do envolvimento direto de Ferrari com ela, mas podemos inferir que ele partilhasse desse engajamento, seja pela formação escolar, seja pelo próprio fato de ele ter publicado um livro atentando para os perigos de abandonar o cristianismo. No entanto, esses primeiros escritos também não contêm a ideia de engajamento para a intervenção social, característico da segunda fase da Ação Católica. O “bom cristão” do livro de Ferrari restringe-se ao seguidor dos ensinamentos da Igreja na conduta individual.

Se Jango não deu grande importância aos ensinamentos religiosos e Brizola sequer frequentou instituições católicas em seu percurso escolar (FERREIRA, 2011), observamos maior semelhança na influência da formação religiosa entre Ferrari e outro expoente do trabalhismo gaúcho. Alberto Pasqualini frequentou um seminário para padres Jesuítas em São Leopoldo e, após decidir-se por não seguir o sacerdócio continuou seus estudos na instituição mantida pelos Jesuítas em Porto Alegre, o Ginásio Anchieta. Como afirma Grijó (2007, p. 87) a formação escolar pautada por valores religiosos seria fundamental para compreendermos atuação político-partidária e produção teórica de Pasqualini.

Grijó associa ainda esse aspecto de sua trajetória a outro, também partilhado pelos dois agentes: a origem social ligada ao mundo colonial italiano do Rio Grande do Sul, marcada pela forte presença da religião católica. Tal influência religiosa teria contribuído para que família de Pasqualini o vinculasse a uma instituição religiosa e, possivelmente, também contribuiu para que Tito Lívio a encaminhasse Ferrari ao internato dos Maristas.

⁶ Costa destaca a influência do pensamento do padre Belga Joseph Cardjin (1882-1967) nessa reorientação. Destaca o autor que “Ligando, pois, preocupações religiosas e sociais, vistas a partir de uma realidade bem marcada pelo capitalismo e suas mazelas, Cardjin criou o celebre método ‘ver-julgar-agir’, que funcionará como uma espécie de ‘pedra de toque’ do ativismo católico a partir da metade do século XX. De acordo com tal método, o fiel deveria conhecer a realidade, identificando problemas (ver); emitir juízos sobre a situação em que está inserido a partir de valores cristãos (julgar); atuar para solucionar os problemas divisados (agir)” (Costa, 2007, p. 439-440).

Conforme já mencionamos, Pasqualini seguiria seus estudos na tradicional Faculdade de Direito de Porto Alegre. Para dimensionar a importância desse curso para a elite política de então, utilizemos como exemplo a legislatura do Rio Grande do Sul 1947-51, primeira a qual Ferrari se elegeu. Dos 55 deputados, 19 eram advogados e apenas 1, o próprio Ferrari, era economista. Nas legislaturas seguintes essa proporção também não se alteraria significativamente, permanecendo a advocacia como ocupação predominante, sendo que a economia manteve de 1 a no máximo 3 representantes (HEINZ, 2005: 85).⁷ Diferentemente do direito, o curso de Ferrari, como se pode depreender da proporção acima, não era a uma escolha comum dos políticos da época. Mas a participação da área econômica na gestão estatal começava a ganhar importância no Brasil do jovem estudante de economia Ferrari, intensificando-se no período em que foi deputado.

De acordo com o trabalho de Maria Rita Loureiro (1997), que aborda a emergência dos economistas como elite dirigente no Brasil, é no final do primeiro governo Vargas, que tem início o processo de substituição de bacharéis em direito por economistas em posições de destaque na gestão pública da economia. Essa participação se intensifica nos anos 1960, com a especialização e internacionalização da formação acadêmica. Mas a atuação pública caracterizada por Loureiro não é a de ocupantes de cargos eletivos, e sim de cargos administrativos dentro da estrutura do Estado. Eles são alçados a esses postos em nome de sua competência técnica. Não são políticos profissionais, mas “passam” pela política, considerada como uma fase de sua carreira.

Claramente, estamos distantes de uma associação direta entre o Ferrari e esse tipo profissional. O personagem em questão foi um político economista. No entanto, utilizava essa formação como recurso político. Ainda sobre sua formação acadêmica, após entrar na vida política, Ferrari ainda faria o “curso dos políticos”. Durante seu primeiro mandato como deputado federal (1951-55), bacharelou-se em direito pela Universidade do Rio de Janeiro.

Em 1945, já formado economista, aceitou o convite para transferir-se ao Rio de Janeiro e trabalhar no setor de contabilidade do SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social). Lá também frequentou um Curso de Especialização em Sociologia no Departamento Administrativo do Serviço Público (BARBOSA, 2013: 28). Ao constatar uma

⁷ Foram observados os dados de ocupação profissional dos deputados estaduais do Rio Grande do Sul nas legislaturas de 1947 a 1979.

fraude na contabilidade do SAPS, denunciou-a publicamente, através da imprensa e do envio de uma carta ao Presidente da República, Getúlio Vargas, acusando o diretor do Serviço, José Evangelista. Nas entrevistas concedidas na capital federal, começava a delinear-se a imagem pública de Ferrari: “um jovem economista de 24 anos, moralista e agressivo em suas denúncias contra a corrupção, em defesa do povo e aludindo os postulados cristãos” (WAGNER; PEREIRA, 1985: 18).

Pediu demissão do cargo, e retornou desempregado, mas com certa notoriedade, a Porto Alegre. Seu amigo, ex-colega de faculdade e de centro acadêmico, Walter Albrecht⁸, o esperava com uma ficha de filiação a um novo partido que estava em formação: o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) (WAGNER; PEREIRA, 1985: 18).

A atitude de Ferrari ante o incidente no Rio de Janeiro já lhe dava condições de ser candidato a deputado no Rio Grande do Sul. A cidade de Santa Maria é apontada como base eleitoral, para onde o candidato viajou seguidas vezes durante a campanha em busca da construção de sua base eleitoral, formada inicialmente por contabilistas, estudantes, bancários e homens do campo (WAGNER; PEREIRA, 1985: 17-18). Não podemos deixar de mencionar a possível influência de seu pai Tito Lívio Ferrari, que tinha envolvimento com a política em São Pedro do Sul, elegendo-se, também pelo PTB, prefeito daquele município nos anos seguintes, em 1951, quando Ferrari já era deputado federal.⁹

Ferrari logrou vitória nas urnas, sendo eleito para a Assembleia Constituinte de 1947, aos 25 anos, com cerca de 7 mil votos.

Feita a apresentação biográfica dos primeiros anos da vida de Ferrari, passemos à observação da forma pela qual, tempos depois, o então candidato à vice-presidência da

⁸ Ernesto Walter Albrecht tornara-se amigo de Fernando Ferrari quando ambos cursavam Ciências Políticas e Econômicas e paralelamente, participavam do Centro Acadêmico Visconde de Cairú. Os amigos também dividiram um apartamento durante certo período da faculdade (WAGNER; PEREIRA, 1985: 16 e 17). Albrecht foi o coordenador nacional da “Campanha pró-Fernando Ferrari” de 1960.

⁹ No diploma expedido pela da Circunscrição Eleitoral do Rio Grande do Sul em 1º de dezembro de 1951 consta que, nas eleições, realizadas em 1º de novembro de 1951, para a prefeitura da cidade de São Pedro do Sul, de um total de 2538 votos apurados, 1392 foram dados a Tito Lívio Ferrari, sendo este eleito para o mandato de prefeito do município pelo Partido Trabalhista Brasileiro.

República apresentou a história dos seus primeiros anos de vida aos eleitores no contexto da disputa à vice-presidência da República de 1960, primeiro pleito contra seu partido de origem, o PTB. Para tal, lançamos mão da apresentação biográfica de Ferrari no livro da “Mensagem Renovadora” (1960), que continha suas principais propostas de governo e foi feito para ser distribuído durante a referida disputa. Nas primeiras páginas do livro, Ferrari assim descreve sua “história de vida” até a entrada no mundo da política:

“Fernando Ferrari nasceu a 14 de junho de 1921 no então Distrito de São Pedro do Sul, na cidade de Santa Maria. De origem modesta e membro de família numerosa, cedo teve de trabalhar para se manter e estudar.

Fez os estudos preparatórios em Santa Maria, no velho ginásio dos Irmãos Maristas, em cuja cidade foi, também, professor e soldado.

É bacharel em direito, contabilista, economista e diplomado em sociologia pelo curso pós-universitário ministrado pelo Prof. Francisco Ayala. Foi comerciário, bancário, servidor público e trabalhou, também, na lavoura, durante certa época de sua infância. Daí, certamente, as origens de seu estranho amor pela terra e pelo homem do campo: centro de suas atividades políticas.

Orador, professor e jornalista, Fernando Ferrari tem publicado alguns ensaios literários. Antes de ingressar na faculdade de ciências econômicas, publicou um pequeno romance de caráter social, bem aceito pela crítica de então.

Ainda estudante, na Capital Federal, foi um dos fundadores do Partido Trabalhista Brasileiro, aderindo à linha ideológica de Alberto Pasqualini, cujos princípios o acompanham inalteráveis ainda hoje (...)”

Sobre algumas das informações fornecidas no excerto ainda não dispomos de detalhamento, como é o caso de sua atuação como professor em Santa Maria e do curso de sociologia com o Professor Francisco Ayala. Mas em diversos trechos fica mais evidente a lógica específica da construção das biografias. O primeiro é “De origem modesta e membro de família numerosa, cedo teve de trabalhar para se manter e estudar”. A respeito desse dado, observamos que o estudo no internato foi pago pela família de Fernando Ferrari. Posteriormente ele realmente trabalharia para custear os estudos. Além disso, sua família podia ser modesta segundo os padrões da oligarquia gaúcha – origem social do opositor, João Goulart – mas tinha certo poder econômico e envolvimento político na cidade de São Pedro

do Sul. Como mencionamos, seu pai era comerciante e se elegeu prefeito da cidade, cargo que não combina com uma origem modesta que Ferrari procurava enfatizar. Possivelmente seja por isso que o fato de seu pai ter sido prefeito não seja mencionado em suas autobiografias.

O dado que nos parece mais exemplar da lógica do *arché-telos*, no trecho nos parece ser, no entanto, a de que Ferrari “trabalhou na lavoura durante certa época de sua infância. Daí, certamente, seu entranhado amor pela terra e pelo homem do campo: centro de suas atividade políticas”. A preocupação com o homem do campo, efetivamente, foi uma questão central de sua atuação política. O que nos chama atenção, no entanto, é o fato de ela ser atribuída ao trabalho na lavoura que o político teria exercido durante a infância. Provavelmente Ferrari tenha convivido de perto com o trabalho dos pequenos agricultores de sua cidade natal. No entanto, não há indícios de que ele tenha trabalhado na lavoura. Estamos diante de uma tentativa de construção de uma “origem” para a atuação de Ferrari na defesa do homem do campo.

Sobre o romance mencionado, “Mas, e os sinos não dobraram” (FERRARI, 1943), há duas questões a serem destacadas. A primeira diz respeito à data de publicação. No ano em que ela foi editada, 1943, Ferrari estava no segundo ano do curso de economia. Em sua biografia, no entanto, é mencionado que a publicação seria anterior ao ingresso na faculdade de economia. O que teria motivado esse desencontro de informações? A biografia dos jornalistas Carlos Wagner e André Pereira nos dá uma pista interessante. Segundo os autores: “Ferrari tinha pavor de lembrar aquela obra, que considerava imatura e pueril, como o seu próprio título” (WAGNER; PEREIRA, 1985: 15-16).¹⁰ Nas fontes pesquisadas até o momento, não localizamos nenhum julgamento negativo de Ferrari sobre o livro, mas cabe observar que única menção sobre essa obra encontrada é a que reproduzimos no excerto acima. Se Ferrari considerava tal obra pueril, não convinha mencionar que a publicara já na faculdade.

A segunda questão é à caracterização do livro como “pequeno romance de caráter social”. Aparentemente, estamos diante de mais uma “construção de sentido”, a busca de uma origem para a preocupação social de Ferrari, desde seus estudos pré-universitários. Conforme sintetizamos anteriormente, o livro tem um caráter muito mais moralizante do que social.

¹⁰ No livro de Wagner e Pereira (1985), não é mencionada a fonte da informação de que Ferrari não gostava do seu livro.

Assim como no caso do contato com a agricultura, não se trata de negar que Ferrari tivesse essa preocupação, mas de mostrar uma tentativa de transformar aquele romance na obra fundadora daquela característica do político.

Sobre o parágrafo final do excerto reproduzido acima, cabe ressaltar que restam dúvidas a respeito da entrada de Ferrari no PTB, e dos contatos políticos feitos por ele na época em que trabalhou no SAPS. Ferrari menciona ter entrado no PTB no período em que estudava no Rio de Janeiro [Capital Federal], que coincide com o tempo em que trabalhou no SAPS. De maneira que a versão de Wagner e Pereira baseada no depoimento de Walter Albercht, que sinaliza uma espécie de casualidade para a entrada de Ferrari na política, carece de confirmação nas fontes. Ela diz o seguinte:

“Ferrari já tinha condições de ser candidato com o incidente do Rio de Janeiro e lançamos seu nome para deputado”, lembra Ernesto Albrecht, narrando que sem ver outra perspectiva a sua frente Fernando acabou aceitando o convite para tentar a vida pública” (WAGNER; PEREIRA, 1985: 18).

Fato é que, afirmar ser um dos fundadores do PTB se constituía num recurso importante ao dissidente trabalhista, que julgava ser o representante do “trabalhismo autêntico”, enquanto o PTB estaria desvirtuado de seus objetivos doutrinários. Para tal, sua associação com a linha ideológica de Alberto Pasqualini, que não aparece de forma evidente mesmo nos primeiros anos de atuação política de Ferrari (no período em que foi deputado estadual, de 1947 a 51) teria suas origens desde sua adesão ao PTB.

Por fim, uma ausência da biografia reproduzida é a denúncia de corrupção do período em que trabalhou no SAPS, constante em outros textos de Ferrari como “origem” de sua preocupação em combater a corrupção.

Origem humilde, religiosidade, contato com o trabalho no campo, preocupação com as questões sociais, formação em economia, combate à corrupção e ainda o fato de ser fundador do PTB foram características da trajetória pregressa à entrada de Ferrari na vida pública que se constituiriam em recursos acumulados pelo político. Temos ainda uma associação de Ferrari a Pasqualini desde os primeiros anos de sua atuação política, embora não haja evidências de um intenso contato inicial entre eles. Tais recursos seriam utilizados para

justificar a oposição aos líderes do PTB, sobretudo Goulart, a e a formação do MTR como novo representante do trabalhismo naquele contexto.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Cláudia Maria Ferrari. Fragmentos de lembranças. In: FERRARI FILHO, Fernando (Org.). *Fernando Ferrari: ensaios sobre o político das Mãos Limpas*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2013.

BARBOSA, Marcelo Ferrari. *Fernando Ferrari no PTB (1945-1954)*. 2011. 81 f. Monografia (Graduação) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

BODEA, Miguel. *Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

BOURDIEU, Pierre. [1989] *O poder simbólico*. [12. ed.] Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

_____. Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 167-203.

FERRARI, Fernando. *Escravos da Terra*. Porto Alegre: Globo, 1963.

_____. *Minha Campanha*. Porto Alegre: Globo, 1960.

_____. *Mensagem Renovadora*. Porto Alegre: Globo, 1961.

_____. *Mas... E os sinos não dobraram*. Santa Maria: Tipografia da escola de artes e ofícios da cooperativa dos empregados da V.F.R.G.S. 1943.

FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GRIJÓ, Luiz Alberto. Alberto Pasqualini: o teórico do trabalhismo. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 83-99. (As esquerdas no Brasil; v. 2)

_____. Biografia, pra quê? In: *Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 85-102.

_____. *Origens sociais, estratégias de ascensão e recursos dos componentes da chamada "Geração de 1907"*. 1998. 250 f. Dissertação (Mestrado) - UFRGS, Porto Alegre, 1998.

GRYNSZPAN, Mário. Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. In: *Revista brasileira de ciências sociais*, n. 14, p. 73-90, out., 1990.

HEINZ, Flávio M. *O Parlamento em tempos interessantes: breve perfil da Assembléia Legislativa e de seus deputados – 1947-1982*. Flávio M. Heinz; Jonas Moreira Vargas; Angela Flach; Daniel Roberto Milke – Porto Alegre: CORAG, 2005. 108p. (Os 170 anos do Parlamento Gaúcho: v. 3)

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

SARTORI, Giovanni. *Partidos e sistemas partidários*. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1982.

WAGNER, Carlos e PEREIRA, André. *Fernando Ferrari*. Coleção esses gaúchos. 2ª Ed, Porto Alegre: Tchê! Comunicações LTDA, 1985.